

## Estudantes com deficiência em um contexto escolar pandêmico

Carla Campos de Oliveira<sup>1</sup>  
Ana Paula de Freitas<sup>2</sup>

### Resumo

A presente investigação tem como objeto de pesquisa o cenário escolar para estudantes com deficiência no contexto da pandemia da Covid-19, no âmbito de uma rede de ensino municipal. O estudo tem como objetivo conhecer as condições de acesso e participação de estudantes com deficiência no ensino remoto e no ensino presencial após o retorno à escola. Fundamenta-se em estudos de Lev Vigotski e de seus comentadores acerca do desenvolvimento humano. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi desenvolvida com estudantes matriculados no 8º ano do ensino fundamental numa escola pública municipal localizada na cidade de Extrema - MG. Os resultados foram organizados em dois eixos de análises: Eixo 1: A função da escola e da aprendizagem para os estudantes com deficiência: expectativas e realidade. Eixo 2: Modos de participação dos estudantes nas atividades de Língua Portuguesa. Neste texto, trazemos resultados do Eixo 1.

Palavras-chave: Ensino remoto emergencial; Escolarização; Estudante com deficiência; Teoria Histórico-Cultural.

### 1. Introdução

A pandemia de COVID-19 afetou todos os aspectos da vida humana. A resposta global a essa situação levou a condutas inesperadas, como o isolamento social. Buscando reduzir a propagação da doença, autoridades estabeleceram muitas regras de quarentena, entre elas, o fechamento das escolas, faculdades e universidades, entre outros (Wilder et al., 2020).

Diante desse cenário, a educação mundial passou a ser remodelada como uma espécie de plano de contingência para promover a educação em todos os níveis acadêmicos. Estudantes e professores tiveram que aprender a utilizar ferramentas incomuns no seu cotidiano, como por exemplo, *softwares* para acesso ao conteúdo escolar (plataformas de aprendizagem, recursos de videoconferência, etc). Todavia, essas medidas emergenciais não levaram em consideração a dificuldade de acesso à internet, a diversidade de estudantes, a falta de compreensão e frustração dos estudantes, principalmente aqueles com deficiência.

Diante do exposto, a junção das vivências e experiências, profissional e pessoal da pesquisadora (primeira autora deste texto), despertaram um interesse em compreender melhor sobre a escolarização de estudantes com deficiência do 8º ano do

---

<sup>1</sup> USF, carlcampos1309@gmail.com

<sup>2</sup> USF, anapaula.freitas@usf.edu.br

ensino fundamental, que entre os anos de 2020 e 2021 se viram apartados da escola. Na rede de ensino de Extrema, lócus da presente investigação, no contexto pandêmico estes estudantes foram acompanhados, especialmente, pelo setor de atendimento educacional especializado. Tiveram acesso aos conteúdos escolares por meio de atividades impressas disponibilizadas a eles. Esses estudantes não tiveram acesso às aulas remotas, síncronas, como ocorreu com estudantes sem deficiência. Isso ocorreu porque a maioria dos estudantes do 8º ano com deficiência ainda não estavam alfabetizados, assim, os professores das salas comuns, ofereceram atividades impressas simplificadas de cunho de alfabetização, subentendidas por eles como “adaptadas”.

Desse modo, nesta investigação, novas perguntas me guiam: Qual a função da escola para os estudantes com deficiência do 8º ano do ensino fundamental II? Que sentidos têm para eles as atividades que realizam na sala comum, após o retorno ao ensino presencial?

Diante disso, temos como objetivo geral: investigar quais percepções os estudantes com deficiência revelam sobre a escola no contexto pandêmico e pós-pandêmico e sobre as (im)possibilidades de aprendizagem nesses contextos.

A pesquisa está fundamentada na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, especialmente, nas elaborações de Lev Semionovitch Vigotski acerca da constituição social do desenvolvimento humano e suas proposições sobre as possibilidades de desenvolvimento de crianças com deficiência. O autor buscou compreender a gênese dos processos psíquicos humanos, tendo como base as ideias do materialismo histórico-dialético.

## **2. Revisão de Literatura**

Tendo como foco de pesquisa a temática da escolarização de estudantes com deficiência, realizamos uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de conhecer o que tem sido produzido no âmbito acadêmico a esse respeito.

A busca foi feita em caráter nacional, através do Portal de Periódicos da CAPES, em dois momentos, a primeira em junho de 2022 e a segunda em outubro de 2024, utilizamos palavras-chave e variações como critérios de eliminação. Posteriormente ao levantamento dos artigos encontrados, lemos os títulos e resumos dos mesmos. Constatamos a escassez de estudos que focalizam a escolarização de estudantes dos anos finais do ensino fundamental com deficiência, o que justificou a realização desta pesquisa de doutorado em Educação.

### **3. Fundamentação Teórica**

A teoria histórico-cultural de Vigotski (1995) ressalta a importância da interação social e da cultura no desenvolvimento do indivíduo. Nesse sentido, é possível afirmar que as suas ideias transformaram a forma como entendemos a aprendizagem e o ensino, pois coloca as relações sociais e a cultura no centro do processo educativo. O processo de ensino e aprendizagem é complexo e interativo, isto é, depende das relações entre os sujeitos - professores e estudantes - e das condições oferecidas pelo meio. Para Vigotski (2021a) o meio é fonte de desenvolvimento. Com relação à deficiência, Vigotski (2021) defende a ideia de que o desenvolvimento tem natureza social para todas as pessoas. O que define as condições e possibilidades de desenvolvimento de um indivíduo com deficiência não está ligado ao aparato biológico ou orgânico, mas sim, às possibilidades disponibilizadas pelo meio no qual esse indivíduo vive e se relaciona. Assim, o autor compreende a deficiência como um conceito dialético, pois o meio pode ser tanto fonte de desenvolvimento como locus de impossibilidade. Desse modo, refletir sobre as condições ofertadas pela escola para propiciar o ensino e o desenvolvimento de estudantes com deficiência se torna fundamental.

### **5. Procedimentos Metodológicos**

O estudo foi realizado no município de Extrema, no ano de 2021, após o retorno dos estudantes com deficiência ao ensino presencial. O trabalho de campo ocorreu após a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética da Universidade São Francisco e todos os cuidados éticos foram tomados.

Os participantes do estudo foram três estudantes com deficiência matriculados no 8º ano do ensino fundamental. São eles:

#### **Quadro 1 - Informações sobre os 3 participantes da pesquisa**

<b>Nome e Idade</b>	<b>Emanuel – 13 anos</b>	<b>Bel – 14 anos</b>	<b>Danilo – 13 anos</b>
<b>Diagnóstico</b>	Transtorno do Espectro Autista	Transtorno do Espectro Autista	Deficiência Intelectual
<b>Família</b>	Mais velho de 3 irmãos, todos os 3 com TEA. Mora com a avó paterna durante a semana devido aos seus hábitos de organização.	Mais velha dos 4 irmãos do sexo masculino. Por ser a mais velha, e a única que auxilia nos cuidados com a casa e com os irmãos.	É o mais novo de 3 irmãos.

<b>Informações Gerais</b>	<p>É um estudante assíduo, comunicativo; se distrai com facilidade.</p> <p>Gosta muito de limpeza e organização.</p> <p>O aluno nunca foi reprovado, logo está na idade escolar certa.</p> <p>No retorno às aulas presenciais, após o término do ensino remoto emergencial em função da pandemia da Covid-19, o aluno teve o suporte de uma profissional de apoio.</p>	<p>É uma estudante assídua caprichosa e dedicada.</p> <p>Muito introvertida, logo tem muita dificuldade em pedir e aceitar ajuda.</p> <p>Foi reprovada no 5º ano, por esse motivo a defasagem idade e ano escolar.</p>	<p>É um estudante assíduo, dedicado e introvertido.</p> <p>Tem dificuldade em pedir ajuda, mas aceita ajuda quando lhe é oferecida.</p> <p>O aluno nunca foi reprovado, logo está na idade escolar certa.</p>
-------------------------------	--	--	---

Fonte: Organização da autora (2021)

A construção de dados ocorreu por meio de entrevistas dialógicas com os estudantes, realizadas em dois momentos distintos: durante o afastamento social, quando os estudantes ainda estavam desenvolvendo atividades remotas e, na escola, no horário de recreio, após o retorno à presencialidade. Foram audiogravadas e transcritas na íntegra. Além disso, a pesquisadora realizou entre os meses de setembro e novembro, observações das aulas de Língua Portuguesa, registradas em diário de campo e fotografias de situações observadas.

Os dados das entrevistas e do diário de campo foram organizados em dois eixos de análise: 1. A função da escola e da aprendizagem para os estudantes com deficiência: expectativas e realidade e 2. Modos de participação dos estudantes nas atividades de Língua Portuguesa.

Essa organização levou em consideração o objetivo da investigação. Em consonância com a abordagem histórico-cultural, as análises buscam explicações para os acontecimentos, ou seja, visam compreender os dizeres dos estudantes e as situações vivenciadas por eles durante as aulas de Língua Portuguesa, considerando as condições concretas: políticas, sociais e econômicas.

Para este texto, apresentamos um recorte do eixo 1, destacando um excerto da entrevista realizada com Emanuel.

## **6. Análise de Dados**

Eixo 1: A função da escola e da aprendizagem para os estudantes com deficiência: expectativas e realidade

O excerto abaixo se refere a entrevista realizada com Emanuel, pelo google meet, quando ainda estava afastado das atividades presenciais. A pesquisadora agendou

previamente a entrevista e a conversa girou em torno das atividades realizadas pelo estudante no âmbito do ensino remoto emergencial.

**Pesquisadora Carla:** *Você já conversou com algum professor pelo whatsapp por mensagem, áudio, vídeo ou Google meet para tirar dúvidas ou aprender algo novo?*  
**Emanuel:** *Não. Eu só faço atividades de folhinha.*  
**Pesquisadora Carla:** *Emanuel, como são as atividades de folhinha?*  
**Emanuel:** *Não sei muito bem. Mãe fala pra ela como é. (Emanuel pediu para a sua mãe que estava próximo a ele, para explicar, como ele realizava as atividades).*  
**Mãe de Emanuel:** *a cada quinze dias eu vou na escola e eles me entregam as atividades para o Emanuel fazer em casa. Depois que ele faz eu levo e busco mais.*  
**Pesquisadora Carla:** *Mãe, como são essas atividades? O Emanuel consegue fazer as atividades sozinho?*  
**Mãe de Emanuel:** *São atividades de folhinha de alfabetização e Emanuel precisa muito de ajuda para fazer. Eu ajudo ele.*

Fonte: recorte extraído da entrevista via Google meet, junho de 2021.

Inicialmente, é importante retomar que no período pandêmico, no município de Extrema, as escolas e seus professores criaram grupos de whatsapp para se comunicarem com os estudantes, compartilharem atividades e tirar dúvidas referentes aos conteúdos escolares. Também foi disponibilizada uma plataforma digital para a postagem de atividades escolares e esporadicamente eram agendados encontros via Google meet para promover aulas síncronas.

Buscando compreender o modo de participação do estudante Emanuel, a pesquisadora o questiona, sobre as ferramentas oferecidas: como grupos de whatsapp e encontros virtuais, etc. A resposta do estudante é curta e objetiva “*Não. Eu só faço atividades de folhinha.*” Nesse fragmento narrativo, constatamos que Emanuel não realiza as mesmas atividades que os demais colegas de sua turma, que estavam tendo a oportunidade de participar de aulas síncronas

Outro fato que chama atenção na sua fala é que quando ele é questionado como são estas atividades, ele responde “*Não sei muito bem*” e solicita a sua mãe que está ao seu lado para explicar “*Mãe fala pra ela como é*”, demonstrando desconforto.

Esse desconforto revelado por Emanuel pode ser explicado com base nas elaborações de Vigotski (2018) acerca da vivência, que, para o autor, não se refere apenas à singularidade do indivíduo ou à peculiaridade do meio, mas também à relação existente entre o sujeito e o meio, isto é, ao modo como o indivíduo significa o que por ele é vivenciado. Logo toda vivência passa pelo processo de significação, assim, o sujeito produz significados e sentidos sobre o que é vivenciado e como é vivenciado por ele. Neste caso, nos parece que a realização das atividades assíncronas não estavam fazendo sentido para Emanuel.

Smolka (2000, p. 31), ao problematizar o conceito de significação, enfatiza que é por meio das relações entre sujeitos que “todas as ações adquirem múltiplos significados, múltiplos sentidos, e tornam-se práticas significativas, dependendo das posições e dos modos de participação dos sujeitos nas relações.” Em conformidade com esse pensamento, no âmbito escolar, professores e estudantes são afetados; “como sujeitos, os indivíduos são afetados, de diferentes modos, pelas muitas formas de produção nas quais eles participam, também de diferentes maneiras.” (Smolka, 2000, p. 31).

A pesquisadora Carla pergunta à mãe como são as atividades que Emanuel realiza. A mãe narra: *São atividades de folhinha de alfabetização e Emanuel precisa muito de ajuda para fazer. Eu ajudo ele.*”

É necessário refletirmos, que todos vivenciavam um momento atípico, a pandemia, nesse momento fica ainda mais evidenciado que Emanuel recebe um tratamento diferenciado dos demais colegas de turma. Como relatado por sua mãe, suas atividades de folhinha eram de alfabetização, lembrando que Emanuel é um estudante matriculado no 8º ano. Este excerto nos revela o descompasso entre o que Emanuel realiza, o que a escola espera dele e o que seria esperado para um estudante de 8º ano. O que podemos dizer do desenvolvimento cultural de um adolescente que não tem acesso à leitura e à escrita? Como isso afeta todo seu desenvolvimento psíquico? Como o afastamento social acabou por acentuar ainda mais as desigualdades e a exclusão escolar? A mãe afirma que Emanuel necessita de auxílio para a realização das atividades, mesmo sendo de alfabetização, quem o auxilia não são os professores, mas a própria mãe. Emanuel não acompanhava a turma em termos de conteúdo, e suas folhinhas nada tinham haver com o conteúdo esperado para um 8º ano.

Ao discutir as possibilidades de aprendizagem para alunos com deficiência, Góes (2002) afirma que a escola não pode ficar presa aos limites pressupostos decorrente da deficiência, tampouco pode exercer atividades repetitivas e restritivas. A autora aponta para uma educação que envolva os estudantes nas relações do mundo, isto é, no ambiente coletivo, social. Para ela, “a peculiaridade da educação especial está em promover experiências que, por caminhos diferentes, invistam nas mesmas metas gerais, o que é indispensável para o desenvolvimento cultural da criança.” (Góes, 2002, p. 7). Ainda para a autora, o trabalho educativo com os estudantes com deficiência deve promover o desenvolvimento de funções psíquicas superiores, visto que a deficiência orgânica, à qual estão associadas às funções elementares (menos flexíveis), pouco

podem ser alterada pelo trabalho educativo. Ademais, “o funcionamento superior está secundariamente ligado ao fator orgânico e depende das possibilidades de compensação concretizadas pelo grupo social; daí mostrar-se mais suscetível à ação educativa.” (Góes, 2002, p. 6).

Em vista disso, nos questionamos: quais os sentidos têm para um adolescente fazer atividades aleatórias de alfabetização? Possivelmente ao longo dos anos escolares Emanuel realizou as mesmas atividades, se não aprendeu desta forma, qual o sentido de realizar novamente o mesmo tipo de atividade? Freitas, Pinto e Monteiro (2019) problematizam a desvalorização de conteúdos elaborados e a utilização de atividades descontextualizadas para alunos com deficiência. As pesquisadoras discutem e analisam uma situação em que um adolescente de 15 anos de idade, matriculado no sexto ano do Ensino Fundamental, realiza atividades diferentes da sua turma. No momento em que todos desenvolvem tarefas envolvendo o gênero textual poesia, o aluno realiza, junto com a professora, uma atividade de montar palavras. São tarefas empobrecidas, descontextualizadas, simplificadas e pouco significativas para ele. Portanto, se compararmos o caso analisado nesse estudo com o de Emanuel, observamos que ambos estão na escola, mas são excluídos do acesso aos conteúdos mais elaborados.

### **Considerações**

O presente texto é um recorte de um estudo de doutorado que buscou compreender as condições de possibilidades de escolarização de estudantes com deficiência, matriculados no 8º ano, no contexto do ensino remoto emergencial demandado pela situação pandêmica.

Ao analisarmos as condições ofertadas pelo município para os estudantes com deficiência, identificamos que houve uma organização para os estudantes sem deficiência através de grupos e, foi priorizado o acesso ao ensino online para aqueles que não apresentavam defasagem significativa na aprendizagem.

Para os estudantes com deficiência e/ou com grande defasagem de aprendizagem foram oferecidas apenas atividades impressas que enfatizavam o conteúdo de alfabetização. Neste sentido, os estudantes não tiveram contato com os professores regentes durante o tempo que estiveram afastados da escola em razão da pandemia. Ademais, constatamos, uma precarização nas condições de ensino para estes estudantes, o que pode evidenciar ainda mais a exclusão deles ao acesso ao conhecimento cultural/científico.

Ao conversarmos com o estudante Emanuel foi possível constatar que as atividades impressas não fazem muito sentido para ele. Ele não demonstra motivação a nos contar sobre elas, respondendo de forma sucinta aos nossos questionamentos.

Refletimos que na situação pandêmica, a escola reproduziu exatamente o mesmo modelo de escolarização oferecida em situações cotidianas em tempos comuns, isto é, oferecer ao estudante com deficiência e que não se encontra alfabetizado conteúdos mínimos, simplificados. Ademais, sabemos do desafio que foi para as redes de ensino a organização para atenderem seu estudante no contexto da pandemia, na maioria dos casos, sem condições mínimas de acesso aos recursos tecnológicos e sem o preparo dos professores para manejarem tais recursos. Ao mesmo tempo, compreendemos que muitas famílias também não tinham acesso aos tais recursos. Consideramos que o critério utilizado pela rede de ensino para ofertar os conteúdos escolares aos estudantes, contribuiu para evidenciar a exclusão dos estudantes com deficiência, e nos leva a refletir que ainda prepondera a ideia de que esses estudantes, não necessitam de um ensino fecundo, em razão das condições orgânicas, isto é, que os permitam vivenciar experiências significativas de aprendizagem.

### **Referências**

Freitas, A. P. de; Pinto, G. U.; Monteiro, M. I. B. Elaboração conceitual de alunos com deficiência intelectual: possibilidades em contextos formativos. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 15, n. 31, p. 493-516, 2019.

Góes, M. C. R.; Laplane, A. L. F. *Políticas e Práticas de Educação Inclusivas*. Campinas: Autores Associados, 2002.

Smolka, A. L. B. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. *Cadernos Cedes*, São Paulo, n. 50, p. 26-40, 2000.

Vigotski, L. S. Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia. Organização e tradução Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

Vigotski, L. S. *Problemas da defectologia*. 1º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021a.

Vigotski, L. S. *Psicologia, educação e desenvolvimento*. 1º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021b.